



A ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA NAS OBRAS DE WALMOR CORRÊA

Raisa Ariane Bonani¹

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte²

Resumo

Este trabalho trata da obra de Walmor Corrêa e do gênero artístico utilizado pelo artista plástico em seus desenhos: a ilustração científica. Consistindo em uma representação muito utilizada por biólogos e naturalistas na catalogação de espécies, esse tipo de registro gráfico segue técnicas e métodos rigorosos, exigindo, ao mesmo tempo, conhecimentos artísticos e científicos. Dentro dessa vertente, o artista brasileiro tem desenvolvido uma nova interpretação de animais e personagens folclóricos. No texto, procura-se efetuar o estudo da aproximação entre arte e ciência através do traço minucioso para a representação do imaginário.

Palavras-chave: Ilustração científica; Walmor Corrêa; Desenho realista; Imaginário.

Abstract

This research deals with the work of Walmor Corrêa and artistic genre used by the plastic artist in his designs: a scientific illustration. Consisting of a representation very used by biologists and naturalists in the cataloging of species, this type of graphic recording follows rigorous techniques and methods requiring, at the same time artistic and scientific knowledge. In this case, the Brazilian artist has developed a new interpretation of animal and folklore characters. In the text, it was made a research seeking the study of the approximation between art and science by the exact trace for representing the imaginary.

¹ Graduanda em Educação Artística – habilitação em Artes Plásticas, Bolsista PROEX vinculada ao Projeto de Extensão “Centro de Pesquisa Plástica”, DARG - FAAC/ UNESP. E-mail: raisabonani@hotmail.com

² Joedy L. B. M. Bamonte é graduada em Educação Artística pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1991), Mestre em Comunicação e Poéticas Visuais pela FAAC/UNESP (1998) e Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (2004). É docente em RDIDP do Departamento de Artes e Representação Gráfica/FAAC - UNESP/Bauru. E-mail: joedy@faac.unesp.br



Keywords: Scientific illustration; Walmor Corrêa; Realistic drawing; Imaginary.

1. Olhares Curiosos sobre a Ilustração Científica na História do Desenho no Brasil

A ilustração científica acompanha o desenvolvimento da ciência ao ser utilizada de maneira efetiva desde o século XV em várias áreas do conhecimento como fonte de registro de descobertas. Sua projeção engloba desde a catalogação de espécies microscópicas até estudos complexos sobre o corpo humano, proporcionando análises precisas na representação visual de estudos. Para isso, torna-se necessária a adoção de normas rigorosas para a elaboração dos desenhos, constituídas por amplos conhecimentos técnicos de pintura e desenho que possibilitem a veracidade máxima à realidade para que não haja ambigüidades na interpretação da imagem.

Ao se observar as características das ilustrações feitas durante as expedições científicas no Brasil entre os séculos XVI e XIX podem ser percebidos, nos traços dos paisagistas europeus trazidos à nova terra pelas grandes navegações, o extremo fascínio e a necessidade de registro do novo, do estranhamento. Contratados para transpor em desenhos minuciosos todo o percurso da viagem, as obras desses artistas apresentam peculiaridades de acordo com as diferentes fases das expedições nas quais se encontravam.

Dentro das citadas peculiaridades, no olhar sobre o Brasil do século XVI são observadas características aparentemente incompatíveis ao olhar científico. A maior parte das ilustrações produzidas no período não segue fielmente a realidade, gerando interpretações que se aproximam de enganos e exageros. No entanto, ainda assim constituem documentos importantes, registros históricos que revelaram o olhar sobre um curioso novo território, apto a ser explorado. Mesmo com a dificuldade gerada pelas distorções nas interpretações, ainda é possível analisar a fauna e flora local, o conhecimento sobre o passado biológico da terra descoberta.

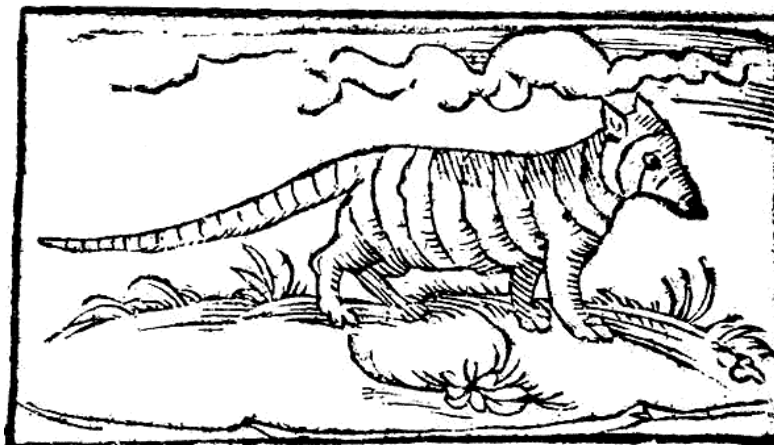


Figura 1: "Tatu", Hans Staden (Staden, 1974)



No século XVII com a chegada dos holandeses no nordeste, se iniciaram pesquisas científicas sobre a nova terra descoberta, desenvolvidas por cientistas, naturalistas e artistas como, por exemplo, Willen Piso, Zacharias Wegener e Franz Post. A partir de então, as ilustrações sobre o território brasileiro começaram a ganhar maior veracidade, respaldadas pelo olhar científico em proporções, os desenhos documentavam de forma mais precisa a fauna e a flora local.



Figura 2: "Paisagem com plantação" (O Engenho), Frans Post (Post, 1668)

Nos séculos que se seguiram, vários outros viajantes visitaram o Brasil, registrando observações pautadas em normas cada vez mais rigorosas, priorizando detalhes e características, chegando a resultados surpreendentemente realistas, a fim de se catalogar todas as espécies ali encontradas. Jean Baptiste Debret, por exemplo, pintor francês, chegou ao Brasil junto a Missão Francesa em 1816, destacando-se pela forma minuciosa como ilustrava a população local, chegando a publicar a obra "Viagem pitoresca e histórica ao Brasil", que além de conter vários desenhos, relata suas vivências durante a estadia no país e o cotidiano vivido pelo povo.



Figura 3: "Feitores castigando negros", Jean Baptiste Debret

2. O Olhar de Walmor Corrêa

Torna-se interessante partir do olhar das expedições sobre o Brasil do século XVI para caminhar ao século XXI e estudar desenhos do período, que da mesma forma interpretam a natureza presente no país buscando o imaginário.

Assim, em continuidade a um estudo sobre a dicotomia desenho verossímil x olhar inverossímil, cita-se o traço detalhista nos seres recriados pelo artista catarinense Walmor Corrêa, como afirma Paula Ramos:

Sua obra sempre foi eminentemente gráfica, sempre valorizou o desenho exato e suave, buscando a leveza presente na plástica taxonômica, nos compêndios de História Natural dos séculos XVIII e XIX, bem como nos trabalhos dos artistas viajantes. Os desenhos de Walmor trazem uma profunda semelhança com essa produção, que, como sabemos, primava pela precisão e pelo rigor científico, já que o material coletado e analisado sustentaria estudos acadêmicos posteriores. E tal semelhança não se percebe apenas no tratamento do traço e da superfície, mas também na forma de organização espacial. Historicamente, as imagens elaboradas com vista a uma função taxonômica apresentam características constantes, sendo as principais: (1) uso do plano frontal; (2) abolição do fundo, visto como elemento de perturbação; (3) apresentação de pelo menos três variações do objeto representado (Massironi: 1996: 61). Elementos, portanto, também presentes na poética do artista e que priorizam o ato de observação (Ramos, 2007).

Desenvolvendo um trabalho instigante com base em seu interesse pela ilustração científica, como afirmam também os teóricos brasileiros Marcio Pizarro Noronha e Miguel Luiz Ambrizzi, o artista "busca, através da representação fiel do modelo, uma verdade (do tipo científico)", sendo a ilustração científica "um documento que é elaborado com técnicas do desenho



e da pintura em aquarela – uma produção estética utilizada para fins científicos da zoologia, botânica, entre outras áreas”.

Iniciou os desenhos durante sua formação básica, ao se empenhar em ilustrações nas aulas de morfologia, onde praticava dissecações de pequenos animais para estudo. Nesse momento, salienta a importância do papel de seu professor, o qual, ao perceber seu interesse, lhe apresentou os trabalhos realizados por Leonardo da Vinci, artista e cientista considerado pioneiro na realização da ilustração científica, de extrema importância para várias áreas do saber devido à visão interdisciplinar de sua obra.

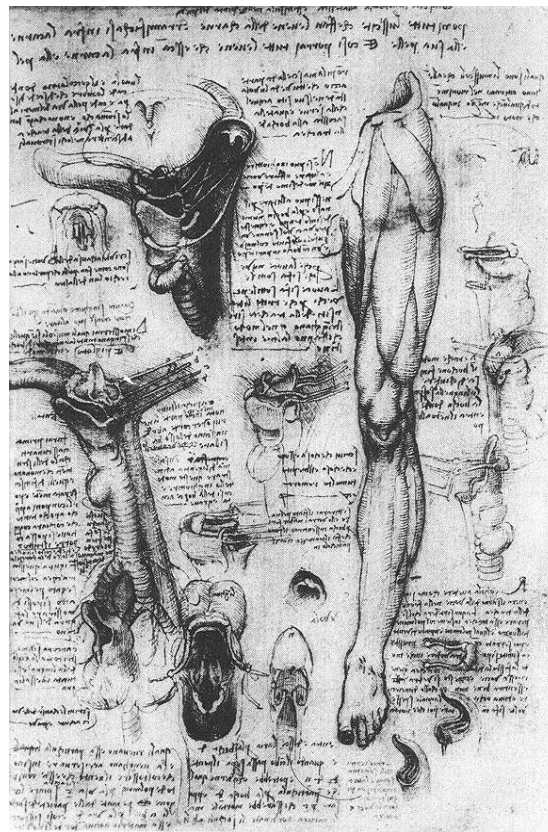


Figura 4: Anotações de Leonardo da Vinci, 1510 (Da Vinci, 1970)

Essa influência veio a aguçar o interesse de Walmor Corrêa por esse tipo de desenho, instigando-o a analisar ilustrações não somente como registros para as aulas de biologia, mas também como manifestações artísticas. Posteriormente, ao se voltar para as Artes Visuais, aperfeiçoou técnicas e combinações de desenho e pintura praticamente de forma autodidata.

Valendo-se de seus conhecimentos morfológicos, Corrêa demonstra em cortes transversais como se constituem internamente os seus híbridos fictícios, ressaltando vísceras e ossos que lhes garante possibilidade de existência, remetendo ainda mais veracidade a sua criação.

Buscando amparo no rigor metodológico, ele nos mostra ainda os animais em várias vistas, através de cortes transversais, onde fica evidenciada a compleição física, a estrutura óssea,



permitindo compreender de forma acessível sua fisiologia (Brites, 2003)

Sua fascinação pelos animais define em suas obras características entre o real e o imaginário gerando um cruzamento entre a arte e a ciência e a exploração das possibilidades nas artes visuais.



Figura 5: "Diorama Cartesiano" – acrílica e grafite s/ tela, 150 x 150 cm (Walmor Corrêa, 2002)

3. O Híbridismo

Ao investigar o caráter científico de animais através do registro gráfico, Walmor Corrêa iniciou a criação de seus próprios seres. Utilizando pesquisas pra compor suas obras, Corrêa estuda a constituição morfológica de seres reais através de diversas fontes como livros de ciências e anatomia, manuais de zoologia, artigos em bibliotecas, universidades e internet e entrevistas com biólogos, zoólogos e médicos. Após coletados todos os dados, formula hipóteses sobre a existência de um ser irreal, buscando na pesquisa realizada subsídios para tal proposta.

Desenvolvidos em série e acompanhados de seus estudos, os híbridos são criados, compostos por fragmentos de animais ou ilustrando personagens do folclore brasileiro, desenvolvidos sob forma de dissecação e catalogação.

Assim surge uma série de insetos desenhados sobre tela e coloridos por uma técnica de pintura suave, com morfologia diferenciada e um nome próprio em latim ou em alemão, como procedimentos efetuados nas catalogações de novas espécies. Esses insetos foram expostos sob o título "Catalogações/Coleções" fixados a um suporte por meio de alfinetes e



apresentados em um móvel entomológico, tradicional em museus de história natural.

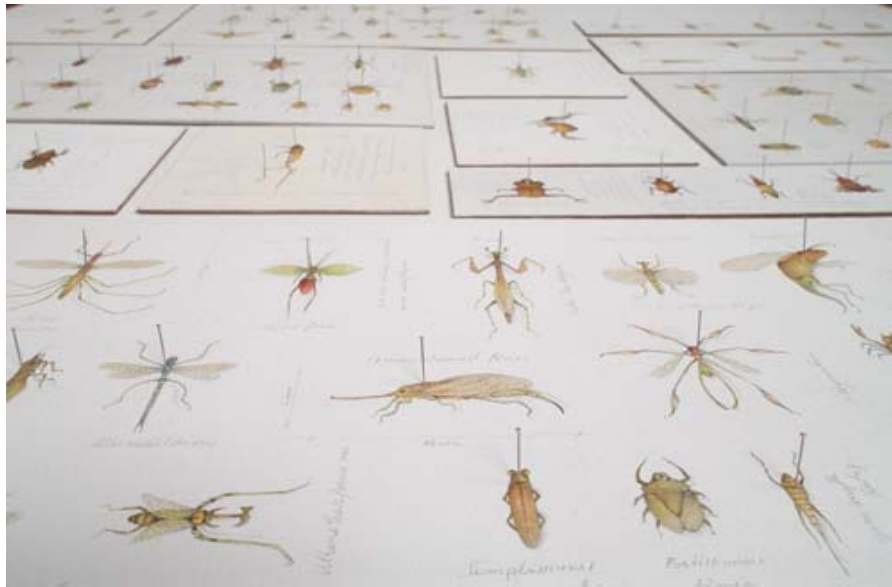


Figura 6: "Mostruário Entomológico – série Catalogações", Walmor Corrêa, 2009
(Walmor Corrêa, 2009)

A estrutura óssea também é enfatizada pelo artista, compondo um trabalho delicado, analisa de forma cautelosa como o esqueleto se encaixa perfeitamente as articulações, cartilagens, órgão e tecidos.



Figura 7: "Ockerfarbiger Schwan - Apêndice/Série Catalogações "- acrílica e grafite sobre tela, 80x80cm (Walmor Corrêa, 2004)



Em 2004, a série “Catalogações” foi exposta em sala especial na 26ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo, gerando muitos debates em torno da existência dos seres imaginários, uma vez que estes estavam representados com tanta precisão. Estas discussões foram acompanhadas com interesse e curiosidade pelo artista pelo fato de levarem à reflexão sobre certos limites da ciência e aspectos ilimitados das artes visuais. Desse interesse surgiu a série “Unheimlich”, termo que, segundo Sigmund Freud designa o que é estranhamente familiar.

Influenciado por lendas amazônicas, a obra consiste em um conjunto de cinco pinturas que exploram a possibilidade da existência de seres provenientes de histórias populares ou folclóricas brasileiras, a partir das quais realizou uma verdadeira “dissecação imaginária”, analisando a morfologia interna dos híbridos de animais com seres humanos e mostrando como esses seres funcionariam se realmente existissem. Este trabalho também envolveu pesquisas e entrevistas do artista com médicos, as quais possibilitaram um embasamento para a inserção de um conteúdo textual criado por Corrêa que permitiu a relação entre o texto verbal e o não-verbal, característica também decorrente de ilustrações científicas.

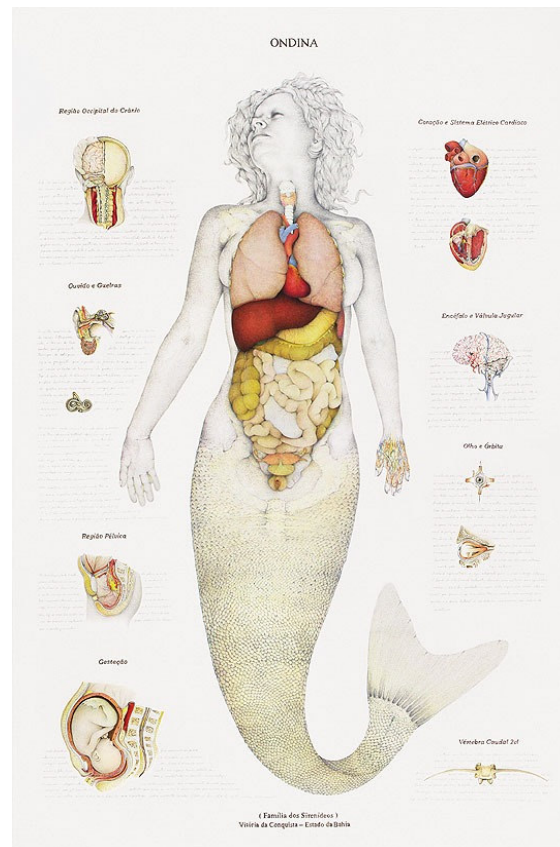


Figura 8: “Unheimlich” – Ondina, acrílica e grafite s/ tela, 195x130 cm (Walmor Corrêa, 2005)



Em 2007, ainda pautado nessas reflexões, realizou a instalação “Memento Mori”, apresentada em 2007 no Instituto Goethe, em Porto Alegre, e em 2008, na Galeria Laura Marsiaj, no Rio de Janeiro. O trabalho remete a uma alusão sobre o limite entre a vida e a morte, à medida que o artista dá forma escultórica para híbridos de aves variadas. Realizados através da observação de ossos de animais reais, possibilitou a Corrêa trabalhar a verossimilhança mesclada à formação dos esqueletos.

As ossadas foram colocadas em bases giratórias de caixinhas de música e isoladas por uma redoma de vidro, o que enfatizou a delicadeza da obra e apresentou uma relação entre o mórbido e o sensível, a rudeza do esqueleto e a suavidade da música.



Figura 9: Instalação “Memento Mori – você vai ficar na saudade minha senhora” – caixa de música 26x36 cm (Walmor Corrêa, 2007)

Um relógio cuco também compõe a instalação, alterado, no lugar do “cuco” propriamente dito, habita um dos híbridos de Corrêa, que também manipulou as horas marcadas pelo relógio acelerando-o, de forma que o “cuco” apareça a cada 15 minutos.

Esse trabalho rendeu ao artista os “Prêmios Açorianos” de “Melhor Exposição” e de “Artista do Ano”, concedidos pela prefeitura de Porto Alegre em 2008.



Figura 10: Instalação "Memento "Mori - relógio cuco", 40x38x14, 5 cm (Walmor Corrêa, 2007)

4. Abordagens que Oscilam entre a Morbidez e a Delicadeza

A morte, um "fantasma" (Cattani, 2007) que persegue a humanidade desde os primórdios também se encontra muito presente no cotidiano científico, pois somente através de estudos realizados em corpos inanimados possibilitou-se a apreensão da constituição interna dos seres. Garantindo melhor qualidade de vida, uma vez que doenças e anomalias podem ser detectadas e tratadas com maior eficácia.

A preservação, tema muito atual, também utiliza esses corpos, conservados por técnicas como a Taxidermia, por exemplo, expondo espécimes que até mesmo já se extinguíram, visando à conscientização. Este tipo de trabalho é encontrado facilmente em museus, assim como afirma Icleia Borsa Cattani:

Por último, uma questão que ronda os museus desde seus primórdios: ao tentar preservar para sempre organismos vivos, ao resgatar testemunhos de culturas desaparecidas ou em vias de desaparecer, ao guardar para o futuro as obras realizadas em determinado momento histórico, essas instituições sempre carregaram o fantasma da morte como pano de fundo aos objetos que preservam (Cattani, 2007)



Corrêa também se dedica a tal temática, que acompanha quase todas as suas obras, sendo elas relatos de seres dissecados, mesmo que estes sejam irreais. Em “Memento Mori” fica clara esta relação estabelecida com a morbidez, traduzido “Lembra-te que morrerás”, a obra traz consigo reflexões sobre a vida e de como ela facilmente pode acabar, mesmo contendo um tema profundo e inquietante torna-se agradável aos olhos a delicadeza como foi desenvolvida, unindo ao mórbido a força da beleza de um trabalho minucioso.

As caixinhas de música sempre me evocam algo melancólico. A música, tão delicada, se acabará quando a corda terminar, ou se calará quando fecharmos a tampa. Diferente de uma longa e imponente sinfonia, a música da caixinha é sempre curta, finita, intermitente, como a vida que vem e se vai (Corso, 2009)



Figura 11: Instalação “Memento Mori”, Instituto Goethe, Porto Alegre/ RS – Brasil. (Walmor Corrêa, 2007).

Junto a algumas de suas séries, Corrêa também elabora textos, que demonstram ao espectador informações sobre a criatura ali representada, como a forma de acasalamento, alimentação, rotas migratórias e habitat, por exemplo. A veracidade torna-se incontestável, diante da imagem de um animal que possui a descrição total sobre a sua existência de acordo com as normas exigidas pela ciência.

O texto é, por si só, uma galhofa. É lendo-o que o espectador ganha mais subsídios para adentrar no universo de Walmor Corrêa, marcado substancialmente pela refinada técnica em desenho; pelo contraponto lúdico entre Ciência e fantasia; e por uma inusitada costura de sentidos entre imagens e escritos (Ramos, 2009)

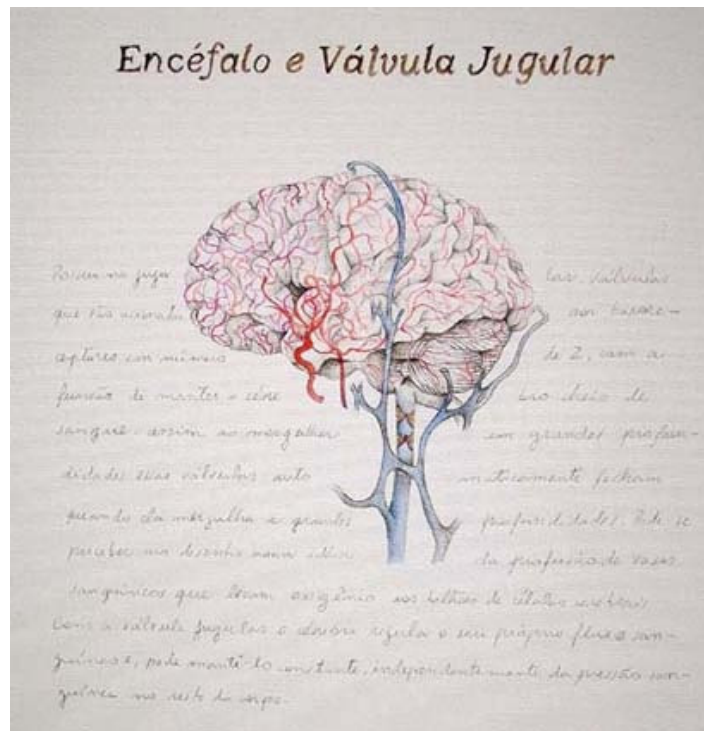


Figura 12: “Unheimlich” – Ondina, acrílica e gráfica s/ tela, 195 x 130 cm. Detalhe – Encéfalo e Válvula Jugular (Walmor Corrêa, 2005)

Sob um primeiro olhar, ou “olhar sem ver” (Brites, 2003), as obras de Corrêa enganam os olhos dos desatentos espectadores, que acreditam tratar-se somente de ilustrações de espécies animais não percebendo o mundo fantástico existente diante de si.

“... Num primeiro olhar, esses trabalhos do artista pouco ou nada parecem trazer de inusitado. Pelo contrário: típicas pinturas naturalistas dedicadas à fauna, de início, o único fato a estranhar é esses trabalhos aparentemente de cunho didático (parecendo terem sido feitos para velhas aulas de biologia) estarem numa exposição de arte contemporânea...” (Chiarelli, 2002).

Utilizando técnicas minuciosas aproxima-se das ilustrações naturalistas, envolvendo as pessoas em um jogo de percepções, onde os mais atentos ou curiosos, através de um “segundo olhar” sentem-se desconfortáveis, notando algo de diferente em suas estruturas, assim como discorre Blanca Brites “... Alguma coisa não está em seu lugar habitual e foge ao controle...” (Brites, 2003).

Este despertar da sensibilidade visual provoca as mais diversas reações e sensações às pessoas, que mergulham em um profundo e filosófico mundo interior, habitado pelas mais diversas criaturas possíveis, existentes apenas na mente do artista.



5. Considerações Finais

Nas obras de Walmor Corrêa é possível visualizar a interdisciplinaridade que tanto se procura atualmente, seja na Educação quanto em outras áreas do saber. Ao se estudar seus trabalhos o desenho toma proporções que restabelecem fronteiras, estendendo os territórios das artes.

Como um estudo, a sugerir ainda muitos outros, esse texto faz uma leitura sucinta da obra do artista considerando o quanto traz em si mesma a mescla das influências sobre a formação da arte brasileira, a qual, ao mesmo tempo é erudita e popular, científica e fantástica. A partir do desenho, de Leonardo da Vinci, do academicismo, a arte brasileira é gerada continuamente, ao se recriar em novos gêneros, em sua própria história, em sua erudição espontânea.

Referências

AMADO, Guy. **Ficção Científica**. Texto para a exposição: Apêndice – Mostruário Entomológico. Centro Universitário Maria Antônia, USP, São Paulo.

BARDI, P. M. **Arte no Brasil**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes**. São Paulo: Objetiva, Metalivros, 1999.

BRITES, Blanca. **Perversa Natureza Sedutora**. Porto Alegre, No sol do Inverno de 2003.

BULHÕES, Maria Amélia. **Pesquisa, imaginação e mentira**. Catálogo da Exposição Apropriações/ Coleções – Santander Cultural, Porto Alegre, 2002.

CATTANI, Icleia Borsa. **Wunderkammern e Arte Contemporânea**. Publicação de texto em site oficial do artista Walmor Corrêa. Porto Alegre, julho de 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas brasileiras**. São Paulo: Global, 2002.

CHIARELLI, Tadeu. **Apropriações**. Santander Cultural, Porto Alegre, 2002.

CORSO, Diana Lichtenstein. **Um naturalista a bordo da nau dos sonhos**. Publicação de texto em site oficial do artista Walmor Corrêa. Porto Alegre, Janeiro de 2009.

DA VINCI, Leonardo. **Notebooks of Leonardo da Vinci**. New York: Dover Science, 1970. v.1, 2.

KNAAK, Bianca. **A Natureza generosa e perversa das criaturas transitórias do mundo e da arte**. Publicação de texto em site oficial do artista Walmor Corrêa. Porto Alegre.

MAYR, Ernst. **Desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança**. Tradução de Ivo Martinazzo, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.



NORONHA, Marcio Pizarro; AMBRIZZI, Miguel Luiz. **Imaginário artístico e da arte em Walmor Corrêa.** Publicação de texto em site oficial do artista brasileiro Walmor Corrêa, 2009.

OLIVEIRA, Ricardo Lourenço; CONDURU, Roberto. **Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 2004.

PEREIRA, Rosa Maria Alves; FERREIRA, Marcos Antonio. **Ilustração Científica na UFMG: a experiência do curso em Ilustração Botânica.** Anais do 8º Encontro de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, 2005.

RAMOS; Paula. **O estranho Assimilado. Processos cartográficos na Poética de Walmor Corrêa.** 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais, Florianópolis, setembro de 2007.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1974.

CORRÊA; Walmor. Disponível em: <http://www.walmorcorrea.com.br>. Acesso em: 05 ago. 2009.

ZANINI, Walter. **História geral da arte no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1983.